

FOLHA DA MANHÃ

SÃO PAULO

10 MAI 1961

ARTES PLÁSTICAS

José GERALDO VIEIRA

EXPOSIÇÃO NEOCONCRETA

1. — ALUISIO CARVÃO — Entre os expo-
sitores neoconcretistas no Museu de Arte Mo-
derna de São Paulo, destaco hoje Aluisio Carvão
cuja obra me parece mais acessível para, aos pou-
cos familiarizarmos-nos com o grupo.

Uma crítica à sua arte seria superflua após
a apresentação de Mario Pedrosa para a mostra
de janeiro-fevereiro deste ano no Rio; conquanto
seja um estudo difícil, é o mais exato. Vou li-
mitar-me, portanto, a algumas considerações so-
bre as características fundamentais da série cro-
matica (8 pequenas telas) enviada por Aluisio
para este certame. Sua presente fase é de modo
essencial uma luta vitoriosa pela intensificação
da cor. Diante da tela «Pequeno Sol» temos a
compreensão absoluta desse problema cromático
que foi a paixão de tantos pintores, verdadeiros
pioneiros de encaixe na órbita solar, como por
exemplo: primeiro, Monet, transformando a fa-
chada da catedral de Ruão num incendio de
fulgores; em seguida, os «fauves», expressionis-

tas da luminosidade; mais tarde, Robert De-
launay e Sonia, sua esposa, às voltas com as fo-
tosferas do sol mesmo. Recentemente, De Stael,
com as cores absolutas; e, no Brasil, Volpi (a
tal respeito tão bem estudado por Spanudis) e
Aluisio Carvão (tão bem analisado por Pedrosa).
Por exercício dialético se poderia esperar que
Aluisio, devido ao sobrenome Carvão, optasse
pela anticor, pela treva, como no caso de Sou-
lages; ou que, complexado pelo sobrenome, en-
tão escolhesse a modulação paroxística da lu-
minosidade. Tanto ele como Delaunay têm telas
designadas «O Sol».

E o tratamento que o pintor deu a esse te-
ma-pretexo está bem explicado na crítica de
Mario Pedrosa: «A plastica dos contrastes ces-
sou, porque a lei interior é, agora, mais forte
do que a «lei» dos complementares. Trata-se de
insistente afirmação monocórdica que quer uni-
versalizar-se, saindo de si mesma, para voltar a
si mesma, como um argumento lógico circular.»

WIL-3/78